

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1383 | 17/04/2017 a 23/04/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

TRIBUTAÇÃO

IMPASSE SOBRE O FUNRURAL

Decisão do STF mantém cobrança do imposto. Parcelamento de dívidas pode ser saída para a crise

sistemafaep.org.br

Aos leitores

A recente decisão do Supremo Tribunal Federal sobre a legalidade e a manutenção da cobrança do Funrural jogou luz sobre um problema que muitos produtores rurais devem enfrentar a partir de agora: quitar a dívida com o imposto. O impasse criado por uma decisão do mesmo STF em 2010, que deu ganho de causa a uma ação de um frigorífico, abriu brecha para pedidos e mais pedidos de proprietários rurais questionando a cobrança. A demora gerou um passivo a aqueles que optaram em não recolher o imposto. Negociações foram estabelecidas com o governo para que as dívidas possam ser parceladas sem prejudicar os produtores.

Nesta edição, o Boletim Informativo traz uma reportagem sobre ações do Programa Pecuária Moderna no Estado que mostram como é viável aumentar a produtividade com medidas simples de gestão e manejo.

Também contamos como uma ferramenta na página da FAEP na internet auxilia o produtor trazendo cotações atualizadas de commodities.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon

Edição: Ricardo Medeiros

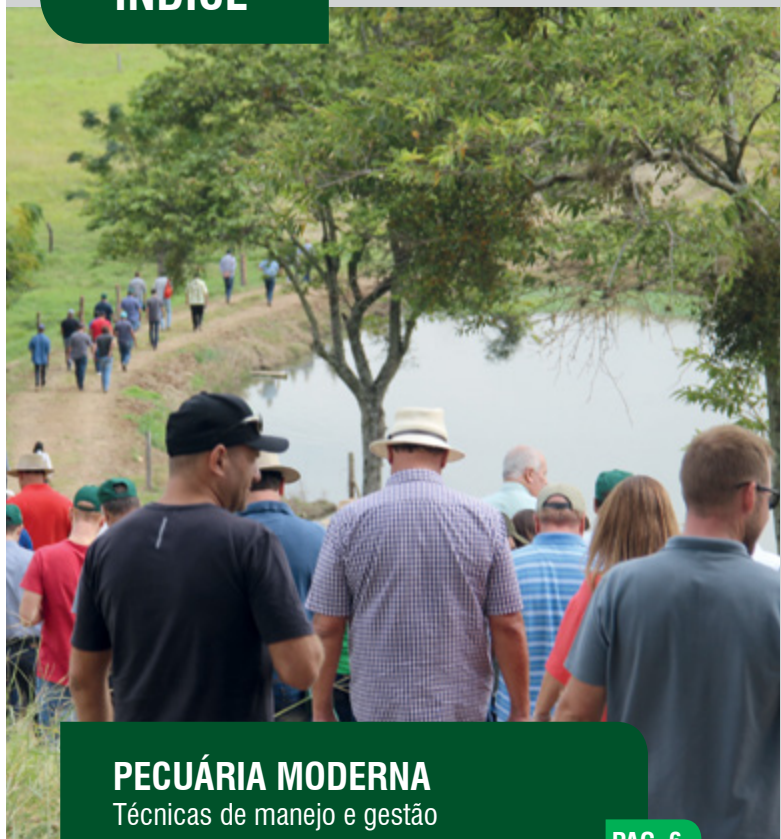
Redação e Revisão: Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho
Projeto Gráfico e Diagramação: Diogo Figueira

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1383:

Fernando Santos, Daniella Sgarioni de Faria, Shutterstock,
Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE



PECUÁRIA MODERNA

Técnicas de manejo e gestão

PAG. 6

TRIBUTAÇÃO

A questão do Funrural

Pág. 4

USDA

Produção brasileira eleva estoque de soja

Pág. 14

HISTÓRIA

Vera Cruz, a Hollywood brasileira

Pág. 16

COMMODITIES

Cotações atualizadas

Pág. 21

SENAR-PR

Cursos ajudam produtor a potencializar negócios

Pág. 22

A crise nos fortalece



Se é em momentos de crise que criamos oportunidades, que inovamos sendo criativos, podemos dizer que a Operação Carne Fraca, deflagrada pela Polícia Federal, nos deixou boas lições.

A primeira delas é o perigo das generalizações e como isso pode reverter. Quando nos damos conta da irresponsabilidade, muitos já foram atingidos.

O que nos conduz à questão da comunicação, ponto importante a ser ressaltado. Já foi destacado que a operação tinha como alvo a corrupção e não a produção. Mas quando isto foi esclarecido, as palavras já tinham se espalhado como folhas ao vento e as restrições dos importadores já tinham ocorrido. A velocidade com que se divulgam fatos e versões na era digital é absurda.

Separado o joio do trigo, comecem a aparecer os pontos positivos da história, porque é também na crise que nos tornamos mais fortes. O episódio funcionou para o setor como uma simulação de incêndio, para sabermos se diante de uma situação real que coloque em risco a

sanidade da nossa produção, estamos prontos para darmos uma solução, sem comprometer a saúde de um plantel inteiro.

O Ministério da Agricultura foi ágil apresentando respostas, esclarecendo os fatos e acalmando os ânimos da opinião pública e dos importadores. Prova disto foi à rápida normalização do mercado.

É claro que nada disto teria sentido se não houve consistência nos fundamentos apresentados. Nenhum discurso se sustenta se a prática comprova o contrário. Se realmente a nossa carne não tivesse qualidade, o próprio consumidor teria contra argumentado e não teria sido tão pronta a reabertura de mercado.

E o que houve foi o inverso, o monitoramento de algumas instituições, como o próprio Mapa mostrou que mesmo com todo o barulho, a confiança do consumidor não foi abalada.

Mais uma lição. Podemos demonstrar que, apesar de casos como os que originaram a Operação Carne Fraca, que são isolados e devem ser punidos com o rigor da lei, o setor tem organização suficiente

para administrar uma iminente crise que possa vir a ocorrer. Isso é importante quando se fala em sanidade. A rapidez de resposta aos problemas no momento imediato em que ele é detectado.

Isto não nos isenta de melhorarmos o nosso serviço de inspeção sanitária. É oportuno que se discuta o assunto. O governo federal alterou o Regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa), que era de 1952, o que permitirá maior rigidez na punição aos estabelecimentos industriais por suas ações.

No final de março foi inaugurado o Laboratório Multiusuário de Biossegurança para a Pecuária (Biopec), instalado na Embrapa Gado de Corte, em Campo Grande (MS). Outra medida que atestará a qualidade da carne da América Latina.

Esse deve ser o nosso caminho em todas as cadeias produtivas do agronegócio: pesquisa; inovação; segurança alimentar; e excelência no que fazemos. A crise também nos mostra oportunidade.

A avicultura poderia ser tão ou mais afetada que a pecuária de corte neste episódio, o que teria gerado um efeito em cascata, atingindo até mesmo a produção de grãos num cenário mais negativo.

Contudo, o que vemos é um cenário de oportunidades. O mundo precisa de proteína animal. O Paraná é o maior produtor e exportador brasileiro de aves. Atualmente, o vírus da gripe aviária circula em mais de 30 países, um problema que até o momento não enfrentamos. De qualquer forma, temos preparo para lidar com a situação e manter o nosso plantel saudável para suprir a demanda do mercado externo. Quem disse que a carne é fraca?

Ágide Meneguette,
presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR

Agronegócio discute impasse do Funrural

CNA, com apoio da FAEP e outras federações, busca soluções para o problema. Medida Provisória pode criar Refis para o pagamento das dívidas



No dia 30 de março, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela continuidade da cobrança do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural). A contribuição mantida por decisão da Suprema Corte estava em discussão desde fevereiro de 2010, quando o frigorífico Mataboi teve reconhecida a inconstitucionalidade do recolhimento de cobrança.

No rastro do Mataboi, outras empresas, cooperativas e produtores rurais também conseguiram, na Justiça, decisão favorável, e, em muitos casos, suspenderam o pagamento. Porém, com o reconhecimento da legalidade do Funrural pelo STF, vários elos da cadeia produtiva, que não recolhem o tributo desde 2010, acumularam um passivo significativo e, hoje, estão inadimplentes perante a Receita Federal. Na época, a FAEP alertou os produtores para en-

ses que deveriam ter cautela em relação à questão, mantendo o recolhimento do Funrural.

Desde a decisão do STF, a CNA, com apoio da FAEP e outras federações, está em contato permanente com o governo federal para viabilizar uma forma de pagamento deste passivo. Uma possibilidade é a edição de uma Medida Provisória criando um Refis para atender os inadimplentes. Em 2009, o governo federal sancionou a Lei 11.941, permitindo o parcelamento de débitos administrativos pela Receita Federal, como pode ocorrer agora.

Leia a entrevista com o coordenador do Departamento Jurídico da FAEP, Klauss Dias Kuhnen, para entender outros detalhes do caso e conhecer mais sobre as ações por parte da CNA, FAEP e demais federações para minimizar os efeitos da cobrança sobre os produtores rurais.

Boletim Informativo - O que significa essa decisão do Supremo Tribunal Federal, em relação ao pagamento do Funrural?

Klauss Kuhnen - Objetivamente significa dizer que o STF confirmou a constitucionalidade do Funrural, e que o tributo deve continuar sendo recolhido normalmente, por meio do percentual de 2,1% que incide sobre a receita bruta da comercialização.

BI - Com a decisão do STF, como os produtores rurais que não recolhem o tributo desde 2010 devem proceder?

Inicialmente, devemos aguardar a publicação do Acórdão do STF. Mas também não podemos perder de vista que, a partir dessa decisão, muitas empresas já voltaram a exigir o recolhimento do Funrural.

Vale destacar que há várias hipóteses, isso porque existem situações em que diversos produtores obtiveram liminares na Justiça e fizeram o respectivo depósito judicial; há casos em que foram obtidas liminares, mas não foram feitos nenhum depósito; temos também situações de liminares obtidas pelos adquirentes, como por exemplo, cooperativas, as quais por força de lei eram obrigadas a fazer a retenção do Funrural por sub-rogação, sendo que em alguns casos esses valores foram retidos, em outros não.

BI - A partir da decisão do STF sobre a legalidade da cobrança do Funrural, como a CNA e as federações, incluindo a FAEP, estão tratando a situação?

A CNA, com o apoio da FAEP e das outras federações, está em tratativas com várias esferas do governo federal para achar uma solução para esse impasse. Algumas hipóteses já estão surgindo, como por exemplo, o refinanciamento desse passivo. Também se discute a possibilidade de uma renegociação de valores para os produtores que demandaram judicialmente pela inconstitucionalidade do Funrural e se apoiavam nas decisões anteriores da Suprema Corte.

Ainda, a CNA apresentou uma proposta para a Reforma da Previdência, que abre a possibilidade de que algumas cadeias produtivas possam contribuir de uma forma menos onerosa que as previstas na Lei 10.256/2001.

BI - De alguma maneira, a obrigatoriedades de pagamento do Funrural por parte dos produtores que não o fazem desde 2010 pode interferir nas produções agropecuárias estadual e nacional?

Em princípio não, já que o Funrural é uma contribuição substitutiva ao encargo previdenciário sobre a folha de pagamento dos empregados. Sendo assim, todos os produtores devem contribuir com a previdência. O que se discutia era a forma de contribuição, Funrural sobre a comercialização da produção rural (2,1%) ou sobre a folha de pagamento (20% ao INSS + 3% ao RAT – Riscos Ambientais do Trabalho). Lembrando que, para os segurados especiais, o Funrural serve para sua aposentadoria e demais benefícios junto ao INSS.

“A FAEP sempre orientou os produtores que agissem com cautela em relação a esse tema, uma vez que a decisão do Mataboi aplicava-se exclusivamente a esta empresa.”

Klauss Dias Kuhnen,
Coordenador do Departamento Jurídico da FAEP

BI - Na época da origem da questão, em 2010, quando o STF julgou inconstitucional o recolhimento pelo Frigorífico Mataboi e seus fornecedores, qual foi a orientação da FAEP aos produtores paranaenses?

Nos Boletins Informativos 1085, de 1.º de março de 2010, e 1087, de 15 de março de 2010, registramos que a decisão do STF que julgou inconstitucional o recolhimento pelo frigorífico Mataboi foi feita sob o enfoque da Lei 8.540/92, por entender que foi instituída por lei ordinária e não lei complementar. Nesses mesmos informativos afirmamos que para o segurado especial essa decisão não alteraria sob nenhuma hipótese à sua contribuição, haja vista que prevista no artigo 195, parágrafo 8.º da Constituição Federal de 1988.

Em 29 de março, no Boletim 1089, justificamos que em razão de nossa representação, sendo que para muitos produtores era melhor continuar recolhendo quando da comercialização da produção, e para outros era preferível recolher sobre a folha de pagamento de seus funcionários, não promoveríamos medida judicial buscando a inconstitucionalidade do Funrural.

No Boletim 1107, de 2 de agosto de 2010, novamente explicamos a sistemática de cobrança do Funrural, e tratamos do aspecto que a inconstitucionalidade poderia ser considerada suprida com a edição da Lei n.º 10.256/2001.

Já em setembro de 2010, no Boletim 1114, alertamos sobre a Instrução Normativa da Receita Federal n.º 1.071/2010 que regulamentou a representação contra as empresas que sonegam contribuições, dentre as quais o Funrural.

Por essas razões, a FAEP sempre orientou os produtores que agissem com cautela em relação a esse tema, uma vez que a decisão do Mataboi aplicava-se exclusivamente a esta empresa.

Uma realidade possível

Dia de Campo do Programa Pecuária Moderna realizado em Santo Antônio da Platina mostra que é viável aumentar a produtividade com medidas simples de gestão e manejo

Por André Amorim



O Comitê Central do Programa Pecuária Moderna vem promovendo dias de campo em fazendas consideradas “modelo” no Estado. O objetivo é compartilhar as informações técnicas e gerenciais (o “segredo” das propriedades bem-sucedidas) com um número cada vez maior de participantes. No dia 5 de abril, o evento foi em duas propriedades do grupo Fazendas Reunidas Paxá, em Santo Antônio da Platina, no Norte Pioneiro do Paraná. Na ocasião, cerca de 160 pessoas, entre produtores, autoridades e lideranças rurais participaram de um Dia de Campo no qual puderam conhecer as técnicas de manejo e gestão que proporcionaram bons resultados ao proprietário Nelson Simionato, o “Paxá”.

Com 1,7 mil hectares de área, o produtor trabalha

com o sistema de recria e terminação de gado anelado. Para alimentação, utiliza rotação em piquetes, com pastagem de braquiária, capins mombaça e tanzânia e complementação com silagem e ração.

Hoje, a média de produção nestas propriedades é de 400 Kg de carcaça por hectare. Para efeito de comparação, a média brasileira, – que não difere muito da média paranaense – é de 80 Kg/ha, ou seja, o Paxá consegue uma média cinco vezes maior do que a nacional. O segredo deste resultado, segundo o coordenador do laboratório de Bovinocultura da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Paulo Rossi, está na “persistência” com que o proprietário apostou nas técnicas de manejo e gestão ao longo de 15 anos.



“Estamos colhendo agora o resultado de muitos anos de trabalho”, observa Rossi, que presta consultoria técnica na propriedade desde 2002. Segundo ele, no primeiro ano de intervenção técnica foram abatidos 465 bovinos. Este ano, a previsão é abater cerca de 3,5 mil animais, utilizando a mesma área.

Para realizar esse salto de produtividade, as primeiras ações envolveram manejo de pastagem, suplementação alimentar e produção de forragem conservada (silagem). “Atacamos a alimentação primeiramente”, lembra o especialista. Mas para que tudo isso pudesse ser equacionado corretamente, extraindo o máximo de produtividade por metro quadrado de terra, a chave foi o trabalho de gestão.

Sistema

As propriedades trabalham no sistema de recria e terminação, adquirindo bezerros para engorda e destinando para o abate. “A gestão nos deu chance de ter foco e selecionar, por exemplo, os fornecedores de animais com melhor genética”, explica Rossi. Para que isso seja possível, o proprietário habituou-se a coletar as informações sobre todas as etapas da produção, formando uma extensa base de dados, por meio da qual consegue ter uma visão real do seu negócio. “Hoje as decisões são muito mais fáceis de tomar, pois têm como base 15 anos de informações”, avalia Rossi.



Esse monitoramento envolve todo alimento que é consumido pelo gado. “O quanto recebeu de proteinado, de silagem, de sal, tudo é 100% anotado. Ao final você tem o custo real de quanto gastou”, afirma Rossi. Para avaliar como vem convertendo alimento em proteína, todos os animais são pesados mensalmente, tarefa que dura uma semana devido ao tamanho do rebanho.

Para organizar a coleta de dados existe uma rotina diária. Cada área da fazenda tem um responsável por registrar as informações até as 18 horas e encaminha-las a um funcionário que reúne os dados de todas as áreas e disponibiliza em um sistema on-line, o qual Rossi e Paxá têm acesso. Com isto, basta um clique para ter na tela do computador os dados atualizados da produção.

Outras mudanças de manejo incorporadas na propriedade também surtiram bons resultados ao longo do tempo. Todo o sistema é rotacionado, com praças de alimentação em cada piquete. Toda água é bombeada, o que melhorou o consumo de alimento. Com essas e outras mudanças, hoje Paxá consegue abater os animais com uma média de 22 meses. Para efeito de comparação, a média paranaense é de 37 meses para o abate. No Brasil, essa média fica entre quatro e cinco anos.

Sem segredo

Apesar dos avanços e resultados substanciais, o fato que chama mais a atenção no caso das fazendas integradas Paxá é a simplicidade do sistema aplicado. “O que mostramos no Dia de Campo não foi nada mirabolante. Muitos pensavam que iam ver uma fazenda de cinema, mas é tudo relativamente simples”, avalia Rossi.

Essa foi a mesma impressão da produtora Simone Carvalho de Paula, que veio de Rondon (Noroeste do Paraná) com o marido e o filho, para participar do dia de campo. “Foi muito realista, não foram apresentadas coisas impossíveis de fazer na nossa propriedade”, observa.

Vice-presidente do Comitê do Programa Pecuária Moderna na sua região, Simone lida com uma realidade diferente da apresentada no evento. Ela trabalha com cria, recria e engorda e o com condições de solo e relevo distintas, uma vez que está na região do Arenito Caiuá. Porém, não foram as diferenças, mas sim as semelhanças com o modelo apresentado que encheram seus olhos. “Para minha surpresa, eles também trabalham com gado Nelore”, celebrou a produtora, que levou muitas das informações encontradas no evento para os pecuaristas



da sua região. “Foi falada uma linguagem universal, que serviu para todos os presentes”, recorda.

O dado que mais lhe surpreendeu foi a taxa de lotação da propriedade, que chega a 600 cabeças em 120 hectares, resultado que considerou inspirador. “A gente viu que isso é possível, que a gente pode utilizar melhor a pastagem para aumentar a quantidade de animais por hectare na minha região também”, observa. Para isso, a produtora já descobriu que vai ter de construir mais cercas para dividir as áreas de pastagem em piquetes, para assim otimizar o uso das pastagens.

Segundo Simone, na sua região existem cerca de 30 pecuaristas que participam do programa Pecuária Moderna. Por lá, também vem sendo realizadas palestras e trocas

de experiências, para que as boas práticas sejam cada vez mais difundidas. “Estamos programando um Dia de Campo na Fazenda Santa Nice”, afirma, referindo-se à propriedade de Amaporã (região Noroeste), referência em gestão e produtividade em pecuária.

Realidade possível

O intercâmbio de informações entre diferentes regiões e sistemas produtivos, mostra que há uma realidade central que é comum à maioria dos pecuaristas do Paraná. Segundo o presidente do Comitê Gestor do Programa Pecuária Moderna, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, que também preside a Comissão Técnica da Bovinocultura de Corte da FAEP e o Sindicato Rural de Guarapuava, mesmo quando

Dificuldades

O plantel paranaense destinado à bovinocultura de corte foi estimado em 6 milhões de cabeças, em 2016. A atividade possui um Valor Bruto da Produção (VBP), considerando os abates em 2015, da ordem de R\$ 3,6 bilhões. “A pecuária paranaense não é grande em tamanho, mas pode ser grande em produção”, avalia Paulo Rossi, da UFPR. Segundo ele, a atividade ficou comprimida em áreas marginais no Estado, uma vez que as melhores foram ocupadas pela produção de grãos. Para vencer essas limitações, o caminho é capacitar os pecuaristas, de modo a extrair o máximo de produtividade do espaço disponível.

Na opinião de Rodolpho Botelho, presidente do Comitê Gestor do Programa Pecuária Moderna, as duas principais dificuldades dos pecuaristas paranaenses dizem respeito à gestão e tecnologia. “O produtor de modo geral não é muito chegado em planilhas eletrônicas”, observa o dirigente, referindo-se à resistência que existe entre muitos produtores para registrar dados financeiros e técnicos do seu negócio.

“Sem essas informações o pecuarista trabalha no escuro e terá dificuldade em tomar uma decisão acertada frente a uma dificuldade. Temos que deixar de ser bombeiros, que ficam só apagando incêndios, e passar a planejar nossa produção”, pondera Rossi.

Programa estruturado

O Programa Pecuária Moderna está estruturado em todas as regiões do Paraná, por meio de 17 núcleos regionais, atraindo pecuaristas de diferentes portes e sistemas produtivos, de modo a contemplar todos os prismas da produção paranaense. Com isso espera-se, em dez anos, consolidar uma pecuária de alto padrão no Estado, com regularidade de oferta, segurança alimentar e sustentabilidade econômica.

Quando foi lançado em agosto de 2015 pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, em conjunto com o governo do Estado e outras entidades, o Plano Integrado de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte, o Pecuária Moderna, apresentou como sua principal meta difundir as boas práticas de manejo e gestão nas propriedades de bovinocultura no Estado, para que os resultados dos produtores paranaenses atingissem níveis mais altos de produtividade e qualidade.

são regiões e sistemas diferentes o produtor consegue coletar informações que ele pode aplicar em sua propriedade, principalmente quando é gestão. “Isso serve para qualquer produtor.”

No Dia de Campo em Santo Antônio da Platina foi apresentado como uma gestão eficiente aliada a um acompanhamento eficaz de custos pode proporcionar bons resultados de produção. “Ninguém está reinventando a roda”, pondera Werneck. “Se meu vizinho está conseguindo esses resultados, eu também posso conseguir.”

Na opinião do presidente do Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina, José Afonso Júnior, o Dia de Campo conseguiu atingir seu objetivo, a partir do momento em que os produtores saíram motivados. “Nós notamos que o pessoal está muito interessado pelo programa e procura seguir à risca o que aprendeu. Isso é bom para o sindicato, porque aproxima o produtor do trabalho da FAEP e do SENAR-PR”, avalia.

“Uma propriedade rural tem muitas áreas importantes e o pecuarista não consegue se capacitar para ser um especialista em todas elas. Quem tem visão empresarial está buscando assistência técnica.”

Lígia Franco de Medeiros Buso, pecuarista e coordenadora do núcleo do Programa Pecuária Moderna do Norte Pioneiro



O evento teve apresentações com ampla quantidade de informações financeiras e zootécnicas. Os participantes pararam em cinco estações das fazendas. Em cada parada eram apresentados detalhes daquela parcela e de como ocorreu a evolução da produção naquela área. Para poder acompanhar melhor o evento, os visitantes receberam um mapa da propriedade, e um encarte com os dados apresentados, justamente para que pudessem levar para casa essas informações e, se fosse o caso, reproduzir o modelo na sua região.

Para a pecuarista e coordenadora do núcleo do Programa Pecuária Moderna do Norte Pioneiro, Lígia Franco de Medeiros Buso, o evento conseguiu reunir um público qualificado. “São pessoas interessadas, atentas, que com certeza vão aproveitar o que viram”, observa. Na sua visão, muitos produtores já estão abrindo os

olhos para a necessidade do acompanhamento técnico da atividade pecuária. “Uma propriedade rural tem muitas áreas importantes e o pecuarista não consegue se capacitar para ser um especialista em todas elas. Quem tem visão empresarial está buscando assistência técnica”, afirma.

Para auxiliar seus participantes a encontrarem a assistência técnica necessária, o Programa Pecuária Moderna vem promovendo o treinamento de técnicos, por meio do SENAR-PR, que auxiliarão os produtores a conduzir suas propriedades. Na região do Norte Pioneiro, o próximo treinamento começa dia 20 de abril, com uma aula inaugural para 26 técnicos inscritos. Ao longo de cinco meses esses profissionais se atualizarão para dar o suporte na área técnica e de gestão para os produtores que tiverem interesse.



Pecuária de pai para filho

A sucessão familiar é uma preocupação constante em todas as atividades rurais. Para evitar o esvaziamento do campo, um dos segredos é começar desde já a compartilhar a gestão e deixar as novas gerações a par das atividades desenvolvidas na propriedade.

Foi pensando nisso que a produtora Simone Carvalho de Paula e seu marido, Orlando de Paula Jr., de Rondon, decidiram levar o filho, Orlando de Paula Neto, de 19 anos, para participar do Dia de Campo realizado nas Fazendas Reunidas Paxá, em Santo Antônio da Platina.

Segundo ela, o jovem acompanha o trabalho na propriedade desde criança, a ponto de já estar bem inteirado do trabalho. “Hoje eu posso sair e deixar que ele cuida da fazenda”, diz Simone. De acordo com a produtora, o interesse do filho pela atividade pecuária cresce na medida em que ele consegue vislumbrar um bom futuro atuando na propriedade. “A gente sempre gostou do campo e sempre passou isso para ele, que cresceu aprendendo que o campo é uma coisa boa”, reflete. Fruto dessa vivência, hoje Orlando Neto já planeja fazer um curso de Medicina Veterinária e dar continuidade ao trabalho que começou com o avô.

Pastagens degradadas

Dia de Campo em Guarapuava abordou recuperação de terrenos em áreas declivosas



O professor Sebastião Brasil, da Unicentro, falou sobre modelos de Integração Lavoura-Pecuária para a região subtropical do Paraná. Já o pesquisador Elir de Oliveira, do Iapar, falou sobre o manejo de forrageiras de inverno, sobre a produção a pasto e recuperação de pastagens degradadas em áreas declivosas. As palestras ocorreram na sede do sindicato.

A programação do evento continuou em uma propriedade rural, com a demonstração de uma máquina que aplica calcário, adubo e também faz a distribuição de sementes em áreas declivosas.

Modelos de Integração Lavoura-Pecuária e manejo de forrageiras de inverno foram debatidos durante encontro, no dia 11 de abril, em Guarapuava. O evento reuniu produtores rurais da região e foi organizado pelo Comitê Regional Pecuária Moderna, com participação do Sindicato Rural de Guarapuava, da regional da Emater em Guarapuava, Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar). O encontro teve em sua programação duas palestras e visita a uma propriedade rural.

Cerca de 70 agropecuaristas e técnicos participaram do evento. O presidente do Comitê Gestor Estadual do Pecuária Moderna, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, que também é presidente do Sindicato Rural, disse que a intenção dos eventos é a troca de ideias e mostrar que há muitas propriedades produzindo com qualidade e com resultados econômicos satisfatórios. “Estamos trabalhando fortemente em cima da gestão e, além disso, visando transformar o pecuarista em um produtor de pasto. Ele precisa entender que a base da pecuária é o pasto.”



Rodolpho Luiz Werneck Botelho, presidente do Comitê de Pecuária Moderna



Pequeno produtor tem que se organizar para continuar no campo

Pesquisador Zander Navarro aponta quatro saídas para agricultores sobreviverem ao avanço tecnológico e de aumento de produção no país



“A agricultura se tornou um local muito competitivo. O produtor de pequeno porte que não se organizar vai perder o seu lugar. Só fica na atividade quem tem a capacidade de incorporar constantemente mudanças que garantam maior produtividade.”

O recado foi dado pelo pesquisador da Embrapa Brasília Zander Navarro (foto acima) em palestra promovida pelo Sindicato Rural de Londrina, no dia 7 de abril. O evento é uma das atividades programadas em comemoração aos 50 anos da entidade.

Na opinião de Navarro, a revolução tecnológica no campo está fazendo com que o Brasil desponte como o país que mais vai produzir alimentos no mundo. “Voltado cada vez mais para tecnologia, o Brasil agrícola está produzindo e exportando muito. Entretanto, a questão social no meio rural brasileiro é saber qual a proporção de pequenos produtores que vai sobreviver a este cenário”, diz, acrescentando que o último censo agropecuário apontou 3,5 milhões de pequenos produtores no Brasil.

“Em 20 anos, quantos pequenos produtores serão ainda agricultores? Como um pequeno produtor poderá sobreviver

num regime econômico que é extremamente competitivo?”, pondera o pesquisador.

Em sua palestra, Navarro apontou quatro caminhos. O primeiro passo é que as famílias que vivem em regiões rurais precisam se organizar melhor, estabelecer as suas prioridades, suas necessidades e defendê-las politicamente. “Isso faz parte de qualquer regime democrático. Assim, eles passam a ter mais chances de benefícios.”

Outra saída, apontou o pesquisador, é que o produtor esteja aberto à tecnologia e não se acomode. “O produtor está numa disputa econômica de mercados, se ele não se municiar de uma capacidade tecnológica para entrar nas mesmas condições, não vai ter chances.”

O terceiro aspecto Navarro classificou como o mais difícil, porém legítimo: trata-se da ação política. “Precisa deixar claro ao pequeno agricultor que ele pode sobreviver muito bem, mas a maioria não vai se não tiver uma ação política. Os grandes já têm o diálogo com aqueles que decidem na sociedade. Os pequenos, por sua vez, na nossa história rural, tiveram muita debilidade organizacional. Sempre foram muito dominados pelos mais poderosos do campo. Sempre foram subordinados e não desenvolveram esta capacidade política, de agir politicamente de acordo com os seus interesses”, argumenta o pesquisador.

E, de acordo com Navarro, em uma agricultura que se transforma de maneira tão rápida, o quarto caminho diz respeito ao extremo cuidado na organização da propriedade. “Se não tiver controle de quanto gasta com a produção, quanto vai ganhar e os preços de vendas entre outros itens, o produtor vai se enfraquecendo.”

Segundo Navarro, se não tiver ações que desenvolvam melhor essas regiões rurais e ofereçam melhores oportunidades e prosperidade, principalmente para as famílias mais pobres, não haverá outro caminho a não ser o esvaziamento do campo e a dominação da grande propriedade na agricultura.

Produção do Brasil eleva estoques mundiais de soja



Por Ana Paula Kowalski
Engenheira Agrônoma DTE/FAEP

Em relatório divulgado no dia 11 de abril, o Departamento de Agricultura dos EUA (Usda) aumentou em 3 milhões de toneladas a projeção para a safra brasileira de soja 2016/17. Em linha com as expectativas de mercado, a colheita deve totalizar 111 milhões de toneladas, com o

consumo doméstico subindo para 45 milhões de toneladas e as exportações para 61,9 milhões de toneladas. Este aumento de oferta deve ser parcialmente absorvido pelo consumo interno e pelas exportações, mas a maior parte deve somar ao estoque final da safra que foi ampliado em 9% para 22,6 milhões de toneladas.

A safra norte-americana sofreu pequenas alterações, com elevação de 2% no estoque final de 12,1 milhões de toneladas. A safra da Argentina teve sua estimativa de produção elevada em 1% para 56 milhões de toneladas e também deve encerrar a safra com estoque maior em relação ao divulgado no relatório do mês anterior (30,4 milhões de toneladas). A safra mundial de soja deve alcançar 345,9 milhões de toneladas.

SOJA - SAFRA 2016/17

Abril de 2017

Milhões de toneladas

		Estimativa inicial	Produção	Importação	Moagem doméstica	Consumo doméstico	Exportação	Estimativa final
Mundo	mar/17	76,59	340,79	138,25	291,55	331,70	141,10	82,82
	abr/17	77,13	345,97	140,05	291,95	332,42	143,30	87,41
Estados Unidos	mar/17	5,35	117,21	0,68	52,80	56,29	55,11	11,84
	abr/17	5,35	117,21	0,68	52,80	56,01	55,11	12,12
Brasil	mar/17	18,05	108,00	0,35	41,00	44,60	61,00	20,80
	abr/17	18,05	111,00	0,50	41,50	45,05	61,90	22,60
Argentina	mar/17	31,95	55,50	1,00	45,30	49,75	9,00	29,70
	abr/17	31,95	56,00	1,20	45,30	49,75	9,00	30,40
China	mar/17	16,91	12,90	87,00	86,50	101,10	0,15	15,56
	abr/17	16,91	12,90	88,00	86,50	101,10	0,15	16,56

Fonte: USDA. Elaboração DTE | FAEP

Milho

Os números da safra 2016/17 ficaram dentro das expectativas dos investidores, com aumento tanto das variáveis de oferta quanto de demanda. A estimativa de produção mundial ficou em 1 bilhão de toneladas com aumento de 4,5 milhões em comparação com o relatório do mês passado. O impacto sobre o estoque final foi de 1% de aumento em relação a março, totalizando 222,9

milhões de toneladas.

Assim como ocorreu para a soja, a influência da safra brasileira foi grande sobre esta nova projeção do Usda. A produção foi fixada em 93,5 milhões de toneladas (2% superior a março). Do lado da demanda, a previsão de consumo doméstico foi ampliada para 60 milhões de toneladas, enquanto que as exportações devem alcançar 32 milhões de toneladas, 1 milhão a mais que a projeção de março.

MILHO - SAFRA 2016/17

Abril de 2017

Milhões de toneladas

		Estimativa inicial	Produção	Importação	Moagem doméstica	Consumo doméstico	Exportação	Estimativa final
Mundo	mar/17	210,87	1.049,24	137,19	630,24	1039,43	152,92	220,68
	abr/17	211,83	1.053,76	137,04	630,67	1042,61	154,41	222,98
Estados Unidos	mar/17	44,12	384,78	1,40	140,98	314,85	56,52	58,93
	abr/17	44,12	384,78	1,40	139,71	314,85	56,52	58,93
Brasil	mar/17	6,54	91,50	0,30	50,50	59,50	31,00	7,84
	abr/17	6,77	93,50	0,30	51,00	60,00	32,00	8,57
Argentina	mar/17	1,05	37,50	0,01	6,80	10,50	25,50	2,56
	abr/17	1,05	38,50	0,01	7,00	10,70	26,00	2,86
China	mar/17	110,77	219,55	3,00	161,00	231,00	0,02	102,31
	abr/17	110,77	219,55	3,00	161,00	231,00	0,02	102,31

Fonte: USDA. Elaboração DTE | FAEP

Vera Cruz, cinema made in Brasil

Sonho da Hollywood brasileira durou apenas cinco anos. Companhia cinematográfica abriu espaço para filmes de Mazaropi e para produções autorais, mas faliu em 1954





A Companhia Cinematográfica Vera Cruz foi criada em 1949 pelo produtor Franco Zampari (1898-1966), italiano radicado no Brasil, e o empresário Francisco Matarazzo Sobrinho (1898-1977), conhecido como Ciccillo. Montada nos moldes dos grandes estúdios de Hollywood, a empresa produziu 22 filmes, como “O Cangaceiro” (1953), de Lima Barreto (1906-1982), que ganhou o prêmio de melhor filme de aventura e de melhor trilha sonora no Festival Internacional de Cannes; longas-metragens do ator e diretor italiano Adolfo Celi (1922-1986) e abriu espaço para comédias de Amácio Mazzaropi (1912-1981).

No pós-Segunda Guerra Mundial, São Paulo vivia uma pungência industrial. Com isso, a capital paulista “respirava” tempos de valorização das artes. Entre o fim dos anos 1940 e começo dos anos 1950, foram criados o Museu de Arte de São Paulo (Masp), ainda hoje o mais famoso do país; o Museu de Arte Moderna (MAM); companhias teatrais, como o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), fundado pelo próprio Zampari; cineclubes e espaços de debates culturais. A efervescência artística era alimentada pelo empresariado paulista e tocada por mecenas

ávidos por transformar São Paulo em um polo produtor cultural e referência no mundo das artes.

Nesse ambiente, surge o ambicioso projeto de criar um grande estúdio de cinema no país, capaz de produzir filmes em larga escala e com qualidade para fazer frente ao que era realizado na Europa e Estados Unidos. As instalações da Vera Cruz foram construídas em uma área de 100 mil metros quadrados em São Bernardo do Campo (SP), onde ficava uma granja da família Matarazzo. Para o cargo de produtor geral da companhia, Zampari contratou o diretor e roteirista Alberto Cavalcanti (1897-1982), que havia conquistado fama do cinema inglês. Com a falta de mão de obra especializada no país, o estúdio contratou dezenas de técnicos estrangeiros para tocar as produções.

“Caiçara” (1950) foi o primeiro filme produzido pela Vera Cruz. Dirigido por Adolfo Celi, a produ-

ção concorreu à Palma de Ouro do Festival de Cannes. Apesar do bom começo, os altos custos dos filmes custaram o cargo de Cavalcanti, que em 1951 acabou substituído pelo cineasta e jornalista português Fernando de Barros (1915-2002). Sob o comando de Barros, a empresa chegou ao seu auge, com seus longas-metragens fazendo sucesso no exterior e vencendo prêmios em importantes festivais do mundo. “O Cangaceiro” (1953) foi distribuído para 80 países e venceu em Cannes.

A Vera Cruz também foi responsável pelo lançamento do comediante Mazzaropi no cinema. “Sai da Frente” (1952) fez muito sucesso e ajudou a companhia a sair temporariamente da crise financeira. Mazzaropi, com seus tipos populares, lançou mais dois longas pela companhia. A Vera Cruz faliu em 1954. Os estúdios e o acervo da empresa ficaram sob cuidados da prefeitura de São Bernardo do Campo. Muitas tentativas para reativar o local foram feitas, mas não avançou e a Hollywood brasileira ficou para a história.



Safra recorde, velhos desafios

Parte da competitividade alcançada pelo agronegócio continua comprometida por entraves de logística, burocracia e tributação ruim



Mais um recorde está sendo batido na safra de grãos, com 227,9 milhões de toneladas estimadas para a temporada 2016/17, volume 22,1% maior que o do período anterior. Principal fonte de dólares para o Brasil, o agronegócio deve garantir neste ano uma receita ainda maior de exportações. Além disso, a grande colheita deve injetar bom dinheiro em outros setores e ainda garantir bons preços para o consumidor. Mas grandes safras, no Brasil, são também acompanhadas de um desafio: a logística pode ser um pesadelo nas fases de maior movimentação de cargas. Os 4 mil caminhões encalhados por vários dias na BR-163, no Pará, em fevereiro, foram mais uma comprovação desse problema bem conhecido e ainda

longe de uma solução razoável. O agronegócio brasileiro tornou-se nas últimas três décadas um dos mais eficientes e competitivos do mundo – dentro das unidades produtivas. Fora das fazendas, cooperativas e indústrias de processamento, continua atolando na baixa qualidade da gestão pública.

O agronegócio faturou no ano passado US\$ 84,9 bilhões com exportações, ou 45,9% de toda a receita comercial brasileira. O superávit comercial do setor, de US\$ 71,3 bilhões, compensou com folga o déficit de outros segmentos produtivos e garantiu um excedente geral de US\$ 47,7 bilhões. A principal fonte de receita do agronegócio foi o complexo soja, com vendas externas de 67,3

milhões de toneladas, no valor de US\$ 25,4 bilhões. Os embarques desse item devem atingir neste ano 78,4 milhões de toneladas, com aumento de 16,5% em relação ao volume enviado ao exterior em 2016.

O aumento de produção estimado para a safra 2016/17 deve resultar de maior plantio e maior produtividade em quase todas as culturas de grãos e oleaginosas. Numa avaliação ainda preliminar, o trigo, lavoura de inverno, deve ser uma das exceções, com redução de 3% da área e produção de 5,5 milhões de toneladas. Se esse número for confirmado, a colheita será 18,7% menor que a do ano passado, mas a variação do estoque final, de 2,1 milhões para 2 milhões de toneladas, será muito pequena. Esperam-se maiores colheitas de algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, milho e soja.

Os ganhos devem ser especialmente importantes nas colheitas de algodão (14,2%), arroz (12,7%), feijão total (30,7%), milho (37,5%) e soja (15,4%). A boa produção de milho deve favorecer a produção de aves e suínos, com benefícios tanto para o consumo interno como para o volume e a receita de exportações.

O Brasil consolidou-se há mais de duas décadas como um dos principais exportadores de carnes de aves. As vendas externas de carne de frango proporcionaram no ano passado uma receita de US\$ 6,7 bilhões. O valor foi 4,4% menor que o de um ano antes, embora o preço médio tenha caído 6,2%. Isso foi possível porque o volume embarcado aumentou 1,9% e isso compensou

parcialmente a baixa da cotação.

As vantagens competitivas do agronegócio resultaram de um grande esforço de modernização do setor, especialmente a partir da segunda metade da década de 1970. Houve ganhos de produtividade nas culturas e na produção animal. Esses ganhos foram possibilitados por importantes avanços tecnológicos. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) liderou o esforço científico. Outras entidades, tanto acadêmicas quanto empresariais (destaque para algumas cooperativas), participaram desse trabalho. Produtores ampliaram o uso de novos insumos e – ponto muito importante – mudaram as formas de manejo do solo, tornando-o mais fértil e, ao mesmo tempo, reduzindo o risco de erosão.

A política agrícola teve peso relevante nesse progresso. Mas outras áreas da administração foram incapazes de acompanhar a modernização. Parte da competitividade alcançada pelo agronegócio continua comprometida pelas deficiências da logística, pela burocracia e pela tributação ruim, para citar só alguns entraves. Mau planejamento e falhas de gestão e, é claro, boas doses de corrupção explicam grande parte dos problemas. Produzir bem é só uma parte, nem sempre a maior, dos desafios.

***Editorial do jornal O Estado de S.Paulo
publicado na edição de 12 de abril de 2017.***



FAEP pede apoio à comercialização de trigo no Paraná

Preço médio pago aos produtores variou de R\$ 33,73 por saca em janeiro a R\$ 31,73 em março de 2017



O relatório de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), de março de 2017, mostra que houve uma elevação na estimativa de produção mundial de trigo, assim como nos estoques finais do cereal. No atual quadro, a produção tem superado o consumo nas últimas safras, contribuindo para a manutenção de preços baixos do trigo no mercado internacional.

A produção brasileira de trigo em 2016 totalizou 6,7 milhões de toneladas e o Paraná se consolidou como o maior produtor do cereal, sendo responsável por 50,7% da produção, com 3,4 milhões de toneladas produzidas, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A FAEP solicitou ao governo federal apoio à comercialização de 60 mil toneladas de trigo para o Paraná, sendo 30 mil toneladas em leilão de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) e 30 mil toneladas em leilão de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP).

O cenário do trigo no Paraná é de preços recebidos pelos produtores abaixo do custo de produção de R\$ 38,33/saca, segundo o custo variável da Conab e abaixo do preço mínimo da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) de R\$ 38,65/saca. O preço médio pago aos produtores variou de R\$ 33,73 por saca em janeiro a R\$ 31,73 em março de 2017, conforme dados da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab).

Cotações ao alcance de um clique

Site do Sistema FAEP/SENAR-PR disponibiliza ferramenta para acompanhamento dos valores de commodities agrícolas



Pregão na Bolsa de Valores de Chicago

O produtor rural precisa estar sempre bem informado. Apesar das culturas demorarem meses para crescer até estarem prontas para colheita, o sobe e desce das commodities precisa ser acompanhado constantemente. Afinal, a decisão sobre um investimento, ou sobre a venda da produção, precisa ser subsidiada por informações precisas.

Para proporcionar o acesso a esses dados, desde o final de março, o Sistema FAEP/SENAR-PR disponibiliza, em seu site na internet (www.sistemafaep.org.br), uma ferramenta atualizada a cada 20 minutos com as cotações das principais commodities agrícolas, como soja, milho, trigo, boi gordo, além das cotações do dólar e do euro, e notícias específicas na área econômica produzidas pela consultoria Safras&Mercado.

Ao clicar no item “Commodities”, na parte superior do site, o internauta tem acesso ao link “Cotações”, no qual estão à disposição as informações, que são atualizadas diretamente da Bolsa de Chicago (CBOT) e da Bolsa de Mercadorias

e Futuros (BM&F). Anteriormente, esse tipo de atualização era feito por técnicos da FAEP.

Em cada cultura há uma série de dados úteis para o produtor. No caso da soja, é possível acompanhar o último preço dos próximos cinco contratos, os preços de venda, de compra, a variação porcentual e o valor do fechamento. Essas cotações estão disponíveis para a soja em grão, farelo e óleo. Em relação à CBOT, são disponibilizados os preços dos contratos futuros dos próximos cinco meses. As informações da BM&F abrangem os três meses futuros.

A ferramenta também informa, em tempo real, os preços de compra e venda nas principais praças produtoras e o valor do prêmio pago aos exportadores nos portos de Paranaguá, Santos, Rio Grande e nos Estados

Unidos (Golfo). Esses números são coletados pela equipe da consultoria Safras&Mercado, que ouve produtores, ce-realistas, operadores logísticos e outras fontes para disponibilizar os dados aos produtores paranaenses.

Todos esses números podem ser analisados em um gráfico que mostra as variações das cotações ao longo de dias, meses ou anos. Por exemplo, o internauta pode verificar como vem se comportando o preço do farelo de soja (ou milho, ou boi gordo etc.) nos últimos cinco anos.

De acordo com José Vânio Ghisi, gerente regional da empresa de tecnologia da informação CMA, que fornece o serviço para a FAEP, o tempo de 20 minutos entre a atualização da cotação em Chicago e São Paulo, e a disponibilidade desta informação no site do Sistema FAEP/SENAR-PR, decorre de uma exigência das próprias bolsas de valores, que não permitem a divulgação em tempo real destes dados quando o veículo de divulgação é aberto ao grande público.

Empreendedorismo na veia

Produtor de União da Vitória utiliza conhecimentos adquiridos nos cursos Empreendedor Rural e Negócio Certo Rural para potencializar os negócios



Ady José Lima aposta na produção de peixes

A cara de “piá”, o jeito simples e a pouca idade, apenas 22 anos, escondem, num primeiro momento, os ambiciosos projetos do produtor Ady José Lima, de União da Vitória, no Sudoeste do Estado. Na propriedade de 21 hectares, que atualmente reúne grãos, hortaliças, galinhas de postura e erva-mate, outras atividades como piscicultura, ovinocultura, floricultura e pecuária de corte estão programadas para ocupar as áreas que hoje não são utilizadas.

O impulso para os novos projetos, todos já engatilhados, partiu dos cursos Empreendedor Rural e Negócio Certo Rural, promovidos pelo SENAR-PR, realizados em 2013 e 2016, respectivamente. Os conhecimentos adquiridos ao logo das aulas fizeram com que Lima apostasse na diversificação dos negócios na propriedade.

“Na época, eu não estava interessado em fazer o Empreendedor Rural. Acabei me matriculando por insistência de um amigo. Mas logo no primeiro dia peguei gosto. Na sequência, como gostava de administração, fiz o Negócio Certo Rural, que abriu ainda mais minha cabeça para os negócios”, relembra o produtor. “Com certeza, sem os cursos eu não estaria onde estou. Os dois abrem o horizonte do produtor. Todo o jovem ligado com o campo deveria fazer”, recomenda.

O projeto em estágio mais avançado de implantação é

a produção de tilápias. Hoje, a propriedade conta com cinco tanques, mas apenas um está em uso, de onde saíram 1,2 mil peixes vivos para o comércio informal na região. Os demais, a partir do próximo mês, receberão alevinos. Além disso, já está programada a construção de mais 10 tanques escavados, de 500 metros quadrados cada, e, possivelmente, um abatedouro. A meta é alcançar a produção de 11 mil quilos de peixe vivo.

“O comércio de peixe está crescendo bastante, por isso decidi apostar na atividade. Com a produção destes 14 tanques, eu poderei produzir o suficiente para entregar para alguma empresa ou mesmo montar meu próprio mini abatedouro. Não tem nenhum frigorífico na região”, aponta Lima.

Os projetos futuros na propriedade em União da Vitória incluem ovinos para evitar roçadas nas taipas dos tanques, aumento do plantel de galinhas de postura de 70 para 250, ampliação das áreas de hortaliças, morango e erva-mate, mini-confinamento de gado de corte e uma estufa para o cultivo de flores.

“Todos os projetos já estão prontos no papel. A ideia é tudo estar funcionando até 2020”, diz o produtor.

Cooperativismo

Os conhecimentos adquiridos nos dois cursos do SENAR-PR também colaboram nos projetos da Cooperativa Agroecológica Vale do Iguaçu (Cooavi), com sede no município de Cruz Machado, onde Lima ocupa o cargo de diretor-secretário. A empresa, fundada em 2009, comercializa a produção de 54 associados em oito cidades da região: União da Vitória, Cruz Machado, Porto Vitória, São Mateus, Antônio Olinto, Bituruna, General Carneiro e Paulo Frontin.

“Começamos entregando hortaliças para a merenda escolar desses municípios. Hoje comercializamos, além de hortaliças, suco de uva, grãos, geleia, doces e erva-mate”, conta Lima. “Os cursos contribuíram bastante para esse avanço. Além disso, consigo conversar com os produtores e dar dica nas áreas de produção e administração das propriedades”, complementa.

E os projetos não param por aí. A programação da Cooavi é ampliar a oferta dos produtos para Curitiba, Região Metropolitana de Curitiba e Ponta Grossa.

PRODUTOR RURAL

Cuidar bem do solo e da água é proteger o nosso maior patrimônio e garantir o futuro.

Procure a EMATER e faça sua adesão até 29 de agosto de 2017.

www.prosolo.pr.gov.br



PROSOLO
PARANÁ

PROGRAMA INTEGRADO DE CONSERVAÇÃO DE SOLO E ÁGUA DO PARANÁ

PARCEIROS



PATROCINADOR



Incentivo à produção de feijão

FAEP solicitou ao Mapa apoio para garantir a continuidade do plantio



Os produtores paranaenses realizaram a colheita do feijão da primeira safra com preços médios recebidos no valor de R\$ 104 a R\$ 122 por saca para o carioca e R\$133 por saca de preto, abaixo do custo médio de produção de R\$ 135,40 calculado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e próximo ao preço mínimo de garantia. Com o início da colheita do feijão segunda safra, que se intensificou em abril, o cereal tende a ter redução dos preços recebidos pelos produtores.

A FAEP solicitou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa) que estude para os próximos meses a utilização dos instrumentos de apoio à comercialização da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), caso os preços fiquem abaixo dos estabelecidos na PGPM, com o ob-

jetivo de incentivar os produtores na continuidade do plantio, garantindo o abastecimento nacional sem elevação nos índices de preços aos consumidores na próxima safra.

A tendência de queda de preços do grão se deve ao aumento de produção na safra 2016/17 em relação à safra 2015/16. O feijão primeira safra registrou aumento de 26,9% e a produção esperada para a segunda safra é 31,2% superior à safra passada. O total do cereal produzido no Paraná é estimado em 757,2 mil toneladas, sendo 29,1% superior à safra 2015/16. No Brasil, a estimativa é de um aumento de 33,5% na produção, segundo a Conab. Com a redução do preço na safra 2016/17, o plantio deverá ser desestimulado para a próxima temporada, que no Paraná ocorre entre outubro e dezembro.



LEITOR EM FOCO

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Amizade - A leitora Rosângela Pereira Leite, do distrito de Rio Bonito, em Francisco Alves (região Noroeste), registrou momento de amizade entre cavalo e cachorro.



De cabeça pra baixo - O leitor João Lauro Elsing, de Toledo (região Oeste), mandou uma fotografia que mostra um galho de pé de mamão virado para baixo.

NOTAS

Após consecutivas quedas, defensivos apostam na supersafra

Apesar do crescimento da safra de grãos brasileira nos últimos anos, o mercado interno de defensivos agrícolas não tem acompanhado o bom momento. O desempenho deste setor nos últimos dois anos registrou queda, 1% no ano passado e 22% em 2015. As razões da fraca performance das empresas que produzem e comercializam os produtos estão na desvalorização do real, na presença significativa de produtos ilegais no mercado, queda de preços, redução nível de incidência de pragas nas lavouras dada à seca, novas tecnologias de controle e o clima que impacta as áreas agrícolas em todo o país. O setor aposta na supersafra deste ano, estimada em 222,9 milhões de toneladas segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), para fechar 2017 no azul, com base no portfólio

para atender o mercado que está em contínua mudança em relação ao tipo de produtos usados pelo produtor rural e o nível de consumo.



Porto de Paranaguá bate recorde

A estimativa de movimentação de cargas pelo corredor de exportação do Porto de Paranaguá deve chegar a 27 milhões de toneladas em 2017, 8% acima do volume em 2016. O desempenho do Porto quase dobrou desde 2012. Naquele ano, a movimentação no corredor chegou a 13,9 milhões de toneladas. O crescimento coincide com a decisão do governo estadual de optar por uma gestão técnica à frente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa). O comando mais técnico do terminal possibilitou a modernização de equipamentos, a realização de dragagem no canal de acesso ao Porto e obras no cais e nas vias de acesso. Foram cinco anos de investimentos públicos e privados.



Composição nova

O Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) decidiu retirar o vírus C da composição da vacina contra febre aftosa produzida no Brasil. A recomendação é da Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa) e deve ser acatada por todos os países da América do Sul. O vírus C não se manifesta na região desde 2004. O Brasil também vai participar da criação do Banco Regional de Antígenos de Febre Aftosa, que pretende manter um estoque estratégico da vacina para ser usado em eventual surto na região.

Mudança no zoneamento agrícola

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou no dia 10 de abril retificações no anexo da Portaria n.º 207/2016, que aprovou o Zoneamento Agrícola de Risco

Climático (Zarc) para a cultura de cevada de sequeiro no Paraná para a safra 2016/17. Em 2015, a FAEP solicitou estudo de zoneamento agrícola em municípios dos Campos Gerais. O Mapa indicou que Arapoti, Jaguariaíva, Pirai do Sul e Ventania estão aptos ao cultivo. O Zarc mostra a época adequada para a implantação da lavoura levando em consideração o período de menor risco climático. É uma ferramenta obrigatória para acesso ao Proagro, seguro e crédito rural.



Produção de maracujá

Um seminário promovido pelo Iapar em parceria com a Emater no começo de abril, em Umuarama, apresentou um novo modelo de produção do maracujá. O processo é baseado em um ciclo de cultivo utilizando mudas altas produzidas na propriedade e um vazão sanitário como estratégia para a convivência com o vírus do endurecimento dos frutos do maracujazeiro, o Cowpea aphid borne mosaic vírus (CABMV), doença com alto potencial destrutivo transmitida por afídeos, os populares pulgões.

Novo sistema de termometria

A Conab inaugurou, no dia 5 de abril, o novo sistema de termometria da Unidade Armazenadora (UA) em Ponta Grossa (Campos Gerais). Com o novo sistema, a UA já pode receber

soja e milho de produtores privados. A termometria diminui o risco operacional do armazém. O sistema, obrigatório para a certificação de unidades armazenadoras, garante mais precisão nas ações de armazenagem e reduzindo o risco de perdas. A estrutura de termometria é composta por um conjunto de sensores distribuídos no interior do silo, que fazem a medição periódica da temperatura da massa de grãos, monitorando a atividade biológica do produto em tempo real.

Debate sobre gestação coletiva na AveSui 2017

A gestação coletiva de matrizes suínas será debatida durante o painel “Bem-Estar Animal – Gestão Coletiva de Matrizes Suína”, que integra o Seminário Técnico organizado pela Embrapa em parceria com o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). O painel será no dia 26 de abril e faz parte da programação da AveSui 2017, que acontece entre os dias 25 e 27 de abril em Florianópolis (SC). Nesse modelo de gestão, em vez de serem mantidas em celas individuais, as matrizes permanecem a maior parte da vida em grupo e se movimentam mais. Isso favorece o parto e diminui as lesões de articulações, pele, cascos e infecções urinárias (Veja mais no BI 1380).





ANDIRÁ

COLHEDORAS

O Sindicato Rural de Andirá, em parceria com a Padeigis Agrícola, iniciou, em 1º de março, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Colhedoras Automotrizes – Colhedora de Cana. Participaram 11 pessoas com o instrutor Carlos Eduardo Pinto Lima Graziano.



CANTAGALO

COMUNICAÇÃO

O Sindicato Rural de Guarapuava promoveu em sua extensão de base em Cantagalo, nos dias 23 e 24 de março, o Curso de Comunicação e Técnicas de Apresentação. Participaram 16 pessoas com o instrutor Josias Schulze.



CIANORTE

FORMIGAS CORTADEIRAS

O Sindicato Rural de Cianorte, em parceria com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, promoveu, nos dias 8 e 9 de fevereiro, o Curso de Aplicação de Agrotóxicos – Formigas Cortadeiras. Participaram 18 trabalhadores rurais com o instrutor Xisto Roque Pazian Netto.



CAMPO MOURÃO

MORANGUEIRO

O Sindicato Rural de Campo Mourão promoveu, entre os dias 23 e 31 de março, em sua extensão de base na cidade de Iretama, o curso Trabalhador no Cultivo de Espécies Frutíferas Rasteiras – Morangueiro – Cultivo em Substrato. Participaram 13 pessoas com a instrutora Beatriz Santos Meira.



UBIRATÃ

AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Ubitatã promoveu, entre os dias 29 e 31 de março, o curso Trabalhador de Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31.8. Participaram 14 produtores rurais com o instrutor Jorge Luiz Dias Alves.



CASCAVEL

CONSERVAS

O Sindicato Rural de Cascavel promoveu, nos dias 21 e 22 de março, o curso Conservas, Molhos e Temperos. Participaram 14 mulheres com a instrutora Margarida Maria Bocalon Weiss.



SÃO MATEUS DO SUL

OLERICULTURA

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul promoveu, entre os dias 23 e 31 de março, o curso Trabalhador Agrícola na Olericultura – Cultivo em Ambiente Protegido. Participaram 11 pessoas com o instrutor Edson Blum.



TEIXEIRA SOARES

MANEJO DE SOLO

O Sindicato Rural de Teixeira Soares, em parceria com a Souza Cruz, promoveu, nos dias 30 e 31 de março, o curso Manejo Conservacionista de Solos. Participaram 15 produtores rurais com o instrutor Edson Márcio Siqueira.

VIA RÁPIDA

Na terra dos faraós

Uma equipe de cientistas brasileiros vai liderar uma missão arqueológica no Egito. O grupo será comandado por pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe e contará com especialistas egípcios e de outros países. O projeto vai explorar um complexo com três tumbas interligadas na cidade de Luxor, que foi a capital do país dos faraós, das pirâmides e das múmias entre 1570 a.C. e 1090 a.C. Os cientistas brasileiros vão cuidar, além da exploração arqueológica tradicional, fazer um mapeamento em 3D da tumba usando escâneres e câmeras.



Em busca de detritos espaciais

Um telescópio instalado no Observatório Pico dos Dias, localizado em Brazópolis, Minas Gerais, vai mapear detritos espalhados no espaço. O projeto de monitoramento do lixo espacial faz parte de uma parceria entre a Agência Espacial Brasileira e a estatal russa Roscosmos. O equipamento russo irá mapear as rotas de peças de satélites, que desativados, ficam no espaço sem uma órbita determinada. É comum esses aparelhos colidirem com outros descartados, produzindo detritos espaciais em rotas desconhecidas. O equipamento, com tecnologia russa, foi inaugurado no dia 5 de abril. A Roscosmos investiu R\$ 10 milhões no projeto. É o primeiro telescópio deste tipo instalado no Brasil



Sempre o Joãozinho

A mãe pergunta ao Joãozinho:

– Joãozinho, por que você não tem brincado mais com o seu amigo Marco?

Joãozinho: – Mãe, a senhora gosta de conviver com alguém que fume, beba e diga palavrões?

Mãe: – Claro que não, Joãozinho!

Joãozinho: – Pois é, o Marco também não gosta.



Melhores do mundo

O prêmio anual 50 Best, da revista britânica Restaurant, divulgou no dia 5 de abril a lista dos 50 melhores restaurantes do mundo. Na relação consta apenas um brasileiro. D.O.M., do chef Alex Atala, que fica em São Paulo, aparece em 16.º lugar. O novo-iorquino Eleven Madison Park foi escolhido o melhor restaurante do mundo. Considerado o “Oscar” da gastronomia, o prêmio dá visibilidade às casas e atrai reservas de clientes.



“Uma garrafa de vinho meio vazia também está meio cheia, mas uma meia mentira não será nunca uma meia verdade.”

Jean Cocteau (1889-1963),
escritor, ator e cineasta francês.

Dez vezes mais

Uma mulher andava na beira de um rio quando viu um sapo preso em uns galhos pedindo socorro. Quando ela chegou perto, ele disse:
– Me salva que eu realizo três desejos, mas tudo que eu der a você, seu marido ganhará dez vezes mais.
Ela pensou um pouco, mas topou.

1.º desejo

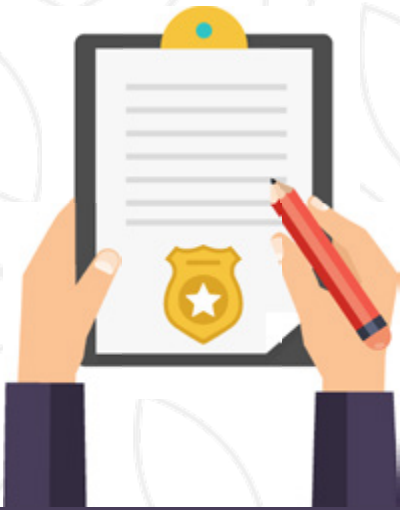
Mulher: – Quero ser muito, mas muuuito rica.
Sapo: – Mas lembre-se que seu marido será dez vezes mais rico.
Mulher: – Não tem importância, tudo que é meu é dele, e tudo que é dele é meu.
E ela se tornou muito rica. Ele muito mais.

2.º Desejo:

Mulher: – Quero ser muito, mas muuuuito bonita.
Sapo: – Mas a mulherada vai cair em cima do seu marido porque ele vai ser dez vezes mais bonito que você
Mulher: – Não tem problema.
E ela se tornou rica e maravilhosa. Ele muito mais.

3.º desejo:

Mulher: – Quero ter um enfartezinho bem pequenininho. Bem de leve. Só um susto.
Sapo: (mudo)



Multa pesada

O governo da Alemanha anunciou, no dia 5 de abril, a criação de uma lei para combater notícias falsas e mensagens de ódio difundidas na internet. A medida ainda precisa ter o aval do parlamento alemão, mas deve acarretar multas de até 50 milhões de euros para as companhias de redes sociais que não retirarem rapidamente os conteúdos considerados ilegais. O governo alemão alega que a responsabilidade pela retirada das mensagens que incitam ódio ou notícias difamatórias é das empresas que mantêm essas plataformas.



UMA SIMPLES FOTO





EM COMUM

O homem é o único animal que fala pela mesma razão que é o único animal que se engasga. Algo a ver com a localização da laringe. Ou é da faringe? Enfim, algo no homem lhe dá o dom da expressão verbal que nenhum bicho tem, mas os bichos, em compensação, nunca se veem na situação embaraçosa de dizer o que não deviam ou se engasgar na mesa. O fato também sugere uma questão: foi a necessidade que o homem – ou, mais provavelmente, a mulher – sentiu de falar que determinou a eventual localização privilegiada da laringe, ou foi o acaso da laringe humana evoluir como evoluiu que determinou a fala? O ser humano desenvolveu a fala por um acidente anatômico e assim virou gente ou a linguagem foi uma etapa lógica da sua evolução, porque para ser gente só faltava falar?

O próprio Darwin chegou a especular que a fala começou como pantomima, com os órgãos vocais inconscientemente tentando imitar os gestos das mãos. A linguagem oral teria se desenvolvido porque,

antes da invenção do fogo, a linguagem gestual não era vista no escuro e as pessoas, ou as pré-pessoas, não podiam se comunicar. A linguagem é filha da noite!

Teorias estranhas sobre a origem da linguagem não faltam. No século 17, um filólogo sueco afirmou com certeza que no Jardim do Éden Deus falava sueco, Adão falava dinamarquês e a serpente falava francês. (Sempre a má vontade com os franceses.) Na sua infância – a palavra “infância”, por sinal, vem do latim “incapacidade de falar” –, a humanidade não produzia palavras, mas, certamente, produzia sons, e uma das teorias sobre o nascimento de fonemas é que o ser humano teria começado a imitar os sons dos animais para identificá-los e que esta foi a última vez em que o mundo teve uma linguagem comum. Foi chamada de “teoria bow wow”, e o nome já a desmentia, pois “bow wow” é como latem os cachorros anglo-saxões, enquanto os luso-brasileiros fazem “au-au” e os japoneses,

segundo os japoneses, “bau-bau”.

A única linguagem comum a toda a humanidade é a dos ruídos involuntários do nosso corpo. Toda a espécie humana espirra e tosse da mesma maneira, não há como variar a pronúncia de um arroto e nada simboliza melhor a nossa igualdade intrínseca do que o pum, que todos dão da mesma maneira, não importa o que digam do pum alemão. Eis uma receita para o entendimento, inclusive entre os grupos e facções em choque no Brasil de hoje, esquerda x direita, políticos x Lava Jato etc. Todos os confrontos entre partes litigantes deveriam começar com um coro de ruídos elementares, para enfatizar nossa humanidade em comum.

Luis Fernando Verissimo

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Desconhecido
- Recusado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico
- Falecido
- Ausente
- Não procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

